

NOVOS MERCADOS

O Brasil é hoje o maior produtor mundial de soja. Na safra 2020/21 foram colhidas mais de 135 milhões de toneladas. E a soja é o mais importante produto de nossa pauta de exportações. O crescimento da cultura tem sido exponencial. Em 1965 havia 400 mil hectares de soja plantados no Rio Grande do Sul, com uma produtividade média de 1200 quilos por hectare. Neste ano está prevista a plantação de 40 milhões de hectares em todo o país, com uma produtividade 3 vezes maior. Os bons preços internacionais da oleaginosa farão que a área plantada cresça 2 milhões de hectares em um único ano.

No ano 2000, o agronegócio brasileiro exportou 20,6 bilhões de dólares, e a soja respondeu por 20,4% desse valor, ou 4,12 bilhões de dólares. Vinte anos depois, em 2020, o agro exportou 100,8 bilhões de dólares, quase 5 vezes mais, e a soja valeu 35%, isto é, 36 bilhões, praticamente 9 vezes mais.

Mais impressionante do que esses números, foi o mercado para o agro brasileiro que a China se tornou: em 2000, ela importou 2,7% de tudo o que exportamos, ou 550 milhões de dólares; no ano passado, 33,7%, ou 34 bilhões!

O grande país asiático é também nosso maior importador de carnes: exportamos 30% do que produzimos, e a China compra 50% disso, ou 15% da nossa produção total.

A importância daquele país para o agronegócio brasileiro fica evidente, mormente se considerarmos que ele substituiu alguns dos nossos mercados tradicionais. Em 2000, a União Europeia e os Estados Unidos representavam 59% de tudo que exportávamos. No ano passado a relação caiu para 23%. Aliás, como se sabe, a Ásia se tornou o grande vetor do comércio agrícola global. Sem a China e o Oriente Médio, o grande continente importou 11,1% do nosso agro em 2020; e no ano passado, isso subiu para 18,5%.

Os números são todos espetaculares e mostram uma grande interdependência entre os 2 países. Hoje precisamos muito da China, nosso maior mercado, disparado. E a China precisa muito de nós para garantir segurança alimentar para sua enorme população. Por isso, devemos manter uma relação de cordialidade com ela, sem agressão que possa representar uma eventual futura redução a nossas vendas. Ou que a leve a buscar outros fornecedores para reduzir a demanda que tem hoje do agro brasileiro.

Também é estratégico para o Brasil desenvolver outros mercados. Somos um grande produtor rural e podemos crescer e exportar muito mais. Estudos da própria OCDE e FAO, ratificados pelo USDA, por exemplo, indicam que a oferta global de alimentos exportáveis em 10 anos precisa crescer 20% para não faltar comida para ninguém no mundo. Mas, segundo estes estudos, para conseguir esse acréscimo, o Brasil precisa crescer o dobro, 40%. Ora, só faz sentido crescer isso tudo se de fato houver mercado para tamanha ampliação. E para isso, temos que conseguir abrir, via acordos bilaterais ou multilaterais (como o sonhado entre e UE e o Mercosul, que não avança), mais mercados de grandes países consumidores.

Urge intensificar essa agenda de diplomacia comercial de resultados.

*** Roberto Rodrigues - Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV**